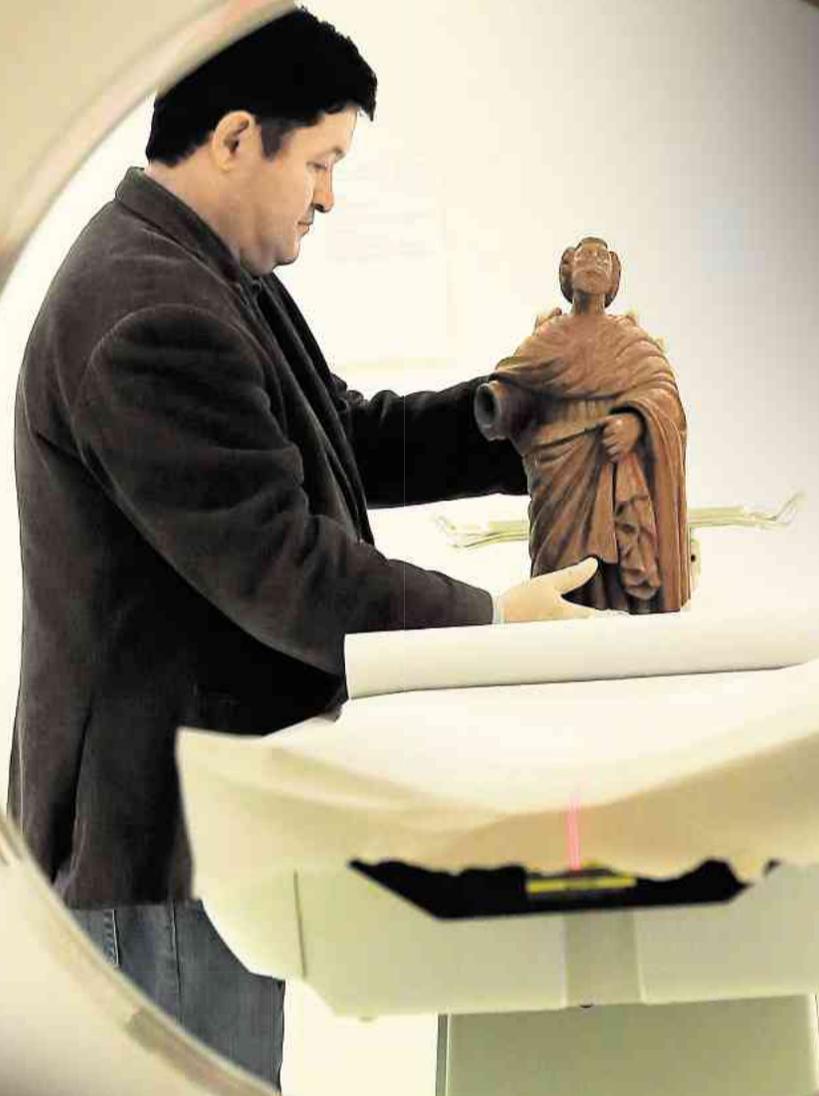


Singular

UM OLHAR SOBRE
O RIO GRANDE



Próxima parada
9/6 – Uruguaiana



GAÚCHAZH

Desde a estreia, a série Singular já passou por mais de 40 municípios gaúchos. Acesse todas as histórias: gauchazh.com/singular

O caçador de histórias perdidas

Texto
ALINE CUSTÓDIO
aline.custodio@diariogaucha.com.br

Imagens
MATEUS BRUXEL
mateus.bruxel@zerohora.com.br



UM ACHADO DO PESQUISADOR

Hüttner e a escultura de São Pedro, datada do século 18, que ele submeteu a um exame de imagem, entre outros procedimentos técnicos de avaliação



AMIGOS E COLEGAS DIZEM QUE ELE É UM MISTO DE INDIANA JONES COM ROBERT LANGDON (O PROTAGONISTA DE “O CÓDIGO DA VINCI”). O QUE O IRMÃO MARISTA ÉDISON HÜTTNER GOSTA DE FAZER É PERCORRER O ESTADO EM BUSCA DE RELÍQUIAS DA ARTE SACRA JESUÍTICO-GUARANI

Munido de uma pá de corte e uma marreta, o pesquisador, pós-doutorando em História e irmão marista Édison Hüttner sabia que enfrentaria o frio daquela tarde, em 26 de julho de 2013, para desenterrar parte da história do Rio Grande Sul, esquecida dentro de uma gruta na praça central de Camaquã, a 130 quilômetros de Porto Alegre.

Autorizado pela prefeitura, desmanchou a pancada a cobertura de cimento presa à peça de metal escondida no fundo da cavidade – motivo da operação manual, cuja movimentação atraiu os olhares curiosos da população. O suor escorrendo pelas têmporas do pesquisador não vinha do esforço dele para abrir o buraco, mas do nervosismo de, a cada nova pá de terra, ter mais certeza de estar diante de uma relíquia secular. Uma bola de cimento no fundo do buraco a firmava dentro da gruta. Depois de quatro horas de trabalho árduo ao lado de um funcionário da prefeitura, foi

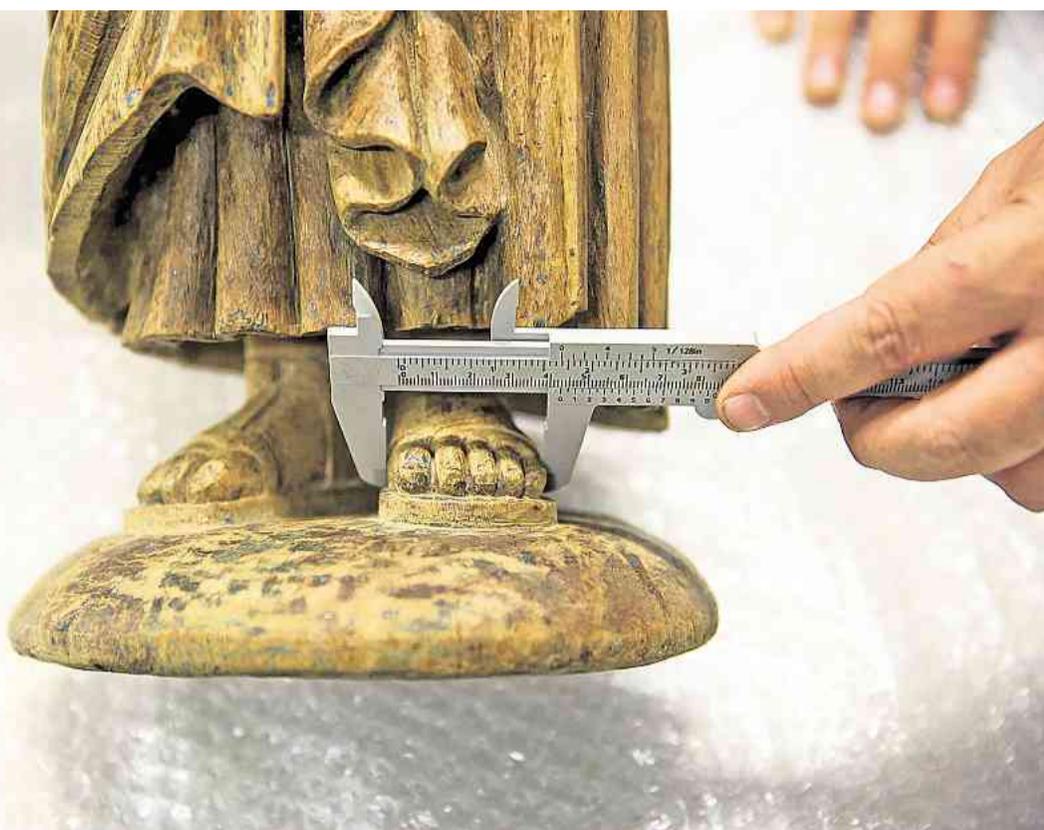
surpreendido pelo próprio achado: a cruz que aparentemente tinha cerca de um metro de altura, na verdade, era de 2m24cm, pesava 26 quilos e guardava indícios de ser a mesma que ocupou o campanário da Igreja de São Miguel das Missões, edificada no século 18.

Coberta pela fuligem da queima das velas ao longo dos anos, a cruz de aço estava quase invisível. Menos para o olhar atento de Hüttner. Coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Arte Sacra Jesuítico-Guarani da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o pesquisador é conhecido nos meios acadêmico e religioso pela dedicação ao localizar e buscar a identificação de peças históricas e raras. Em 2010, ao passar em frente à gruta numa das idas a Camaquã, cidade natal e onde mora parte de sua família, teve o que acredita ser uma “ligação divina”.

– Quando vi aquela cruz lá dentro, pensei: “Ninguém faria uma dessas em Camaquã”.

Ela era muito bem trabalhada. E meu olho já estava treinado – conta, satisfeito.

Dono de uma memória privilegiada, Hüttner jamais esqueceu a imagem. Quando concluiu outros estudos, em junho de 2013, voltou ao local com uma câmera fotográfica e uma fita métrica. Ao abaixar-se, visualizou no braço direito da cruz um símbolo do império espanhol: a marca SPHN cunhada no ferro. A suposta importância do artefato foi reforçada quando viu que a grafia era a mesma da época em que índios e jesuítas conviveram na região, entre os séculos 18 e 19. No mesmo dia, Hüttner e o irmão dele, o cirurgião bucomaxilofacial Éder, que costuma acompanhá-lo nas jornadas, solicitaram à prefeitura da cidade a liberação da pesquisa que levaria à escavação no mês seguinte.



MINÚCIAS

Hüttner examina a mais recente descoberta. Estátua missioneira está em exposição na PUCRS

– É uma escultura sacra missioneira barroca, feita em cedro policromado no século 18, cujo autor ainda é desconhecido. Mas suspeito de que seja José Brasanelli, que esculpiu inúmeras imagens na redução de São Borja entre 1696 e 1706, ou de um discípulo dele – reforça Hüttner.

Padroeiro do Rio Grande do Sul, São Pedro é considerado o príncipe dos apóstolos e festejado pelos católicos em 29 de junho. A peça de mais de 300 anos ficará exposta na Biblioteca Central Irmão José Otão, na PUCRS, deste sábado até o dia 29. A família Frizzo promete visitá-la.

– Somos muito católicos, e é uma alegria saber que se trata de um São Pedro missioneiro – diz Nara.

O amigo do Papa

A conexão de Hüttner com as ruínas da antiga Redução de São Miguel começou por acaso, há 34 anos, durante uma excursão organizada pelo Colégio Marista São José, de Camaquã, onde ele cursava o Ensino Médio. Filho de agricultores, impressionou-se com a imponência da estrutura histórica que um ano antes havia sido reconhecida como patrimônio mundial pela Unesco. O jovem curioso, mesmo sem qualquer conhecimento científico, dedicou as horas da visita a analisar cada detalhe dos restos do prédio. Entre os objetos históricos, o sino foi o que mais o impactou.

– Antes de partir, voltei à varanda do museu para ver o sino grande. Ao sair, a imagem dele havia ficado gravada em minha lembrança. Fiquei imaginando ele repicando na torre – comenta.

Nos anos seguintes, concluiu a formação de irmão marista em comunidades de Viamão, Passo Fundo e Caxias do Sul. Depois, cursou a graduação em Teologia na PUCRS. Entre 1996 e 1997, viveu com os índios ticunas e kokamas, no Amazonas. Lá, se apaixonou pela cultura indígena e escreveu o livro *A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: Os Ticuna da Amazônia*, publicação presente em mais de 30 universidades dos Estados Unidos.

No retorno a Porto Alegre, Hüttner concluiu o mestrado. O doutorado ele fez na Pontifícia Universidade Gregoriana, na Itália. Apesar do foco dos estudos serem os indígenas do Amazonas,

ele nunca esqueceu o sino missioneiro. Passou a pesquisar sobre ele nas bibliotecas por onde passava.

Duas décadas depois da primeira visita às Missões, o irmão marista regressou ao local. Dessa vez, queria saber qual o verdadeiro peso do artefato.

– Cada livro dava uma característica diferente para o sino, e não havia referências sobre procedimentos de pesagem ou análises do metal. Foi o que me motivou a pensar num plano de trabalho que respondesse estas lacunas históricas – sintetiza.

Autorizado pelo Iphan, o pesquisador reuniu uma equipe e seguiu rumo a São Miguel das Missões.

– Hoje, não sei se faria isso. Nem discuti muito. Pegamos o carro, colocamos as coisas dentro e fomos. Pensei: “Ou viramos herói, ou, se quebrarmos o sino, nos tornamos vândalos” – recorda o pesquisador, como sempre, entre gargalhadas.

No diário de campo de 26 páginas, Hüttner registrou cada detalhe do que considerou um “dia mágico”. No trecho a seguir, ele descreve como foi realizada a pesagem do sino:

Com cuidado e sem pressa, vimos o melhor jeito de prender as tiras de náilon entre a cabeça do sino e a mão da retroescavadeira. Feitos os ajustes, depois de longos anos em silêncio, o sino foi finalmente erguido, e então ouvimos o reboar de seu mágico som. Momento único e especial, pois agora, além da imagem, o seu som ficou gravado em nossa memória. Por fim, tiramos amostras de dentro e de fora do sino e o pesamos. O sino foi conduzido por uma caçamba da prefeitura, passando pela cidade até uma balança de rodoviária de caminhão/Cotrisa. O ticket da balança, nº 154464, demonstrava, pela primeira vez, o peso exato do sino: 910 kg. (18-03-2006 – 15h05min)

A convivência com os indígenas no Amazonas e a saga com o sino das Missões só confirmou a ele o que considera ter sido o “chamado divino”, ocorrido na excursão escolar. A partir daquele momento, o irmão marista se tornou um caçador da arte sacra jesuítico-guarani espalhada pelo Estado.

Sempre contando com a memória afiada, a curiosidade incessante e a fé inabalável, Hüttner desvenda novos achados e faz amizades importantes. Entre essas, está a do Papa Bento XVI, que o ajudou a abrir portas liberadas para poucos – as do Arquivo Secreto do Vaticano.

– Durante o período em que estudei na Itália,

escrevi um místico com narrativas, poesias e orações. Enviei a obra ao papa Bento XVI. Para minha alegria, recebi uma carta dele como forma de agradecimento. Graças a ela, em 2011 fiquei dois meses no arquivo secreto do Vaticano para reforçar as minhas pesquisas. Foi muito importante encontrar documentos, relatos e livros antigos existentes somente naquele local – conta.

Todo os relatórios produzidos por Hüttner fazem parte do projeto do pós-doutorado em História, ainda em construção. Inquieto, o pesquisador tem novas metas para os próximos anos. Uma delas é encontrar instrumentos musicais produzidos no período em que os jesuítas estiveram no Rio Grande do Sul. A mais ousada exigirá dedicação quase exclusiva: começar um estudo nas igrejas de Porto Alegre para encontrar peças missioneiras perdidas.

Numa rápida visita à mais antiga igreja da Capital, a Nossa Senhora das Dores, cuja pedra fundamental é de 1807, o pesquisador suspeitou de pelo menos três estátuas e conversou com a museóloga da igreja, Caroline Zuchetti. Antes de voltar à antiga igreja, porém, tem outra missão.

– E essa, se eu conseguir confirmar, poderá mudar parte de uma história! – deixa escapar.

Sem entregar que pesquisa é essa, arregala os olhos e só diz que a peça a ser investigada pode ter vindo do continente africano. Pelo jeito, o próximo capítulo das aventuras de Hüttner já começou a ser escrito.

EM CARTAZ

> A escultura de São Pedro está exposta na Biblioteca Central Irmão José Otão da PUCRS até 29 de junho.

> O horário de funcionamento da biblioteca é de segunda a sexta-feira, das 7h35min às 22h50min, e aos sábados, das 7h35min às 17h30min.

> Os visitantes precisam fazer um cadastro na recepção.

